

# Relatório dos Seminários do Curso de Metodologia do ensino em Biblioteconomia

ANA MARIA ATHAYDE POLKE \*

O Curso de Metodologia do Ensino em Biblioteconomia foi organizado pela Escola de Biblioteconomia da Universidade Federal de Minas Gerais em convênio com a CAPES e ministrado na referida Escola, no período de 13 a 25 de fevereiro de 1978.

Constou de duas partes, sendo a primeira referente à Metodologia do Ensino Superior, com carga horária de 45 horas/aula, ministradas pela professora Maria Lisboa de Oliveira, da Faculdade de Educação da UFMG. Os objetivos dessa primeira parte foram:

- conhecimento das teorias de ensino;
- conhecimento dos objetivos do ensino;
- conhecimento das estratégias de ensino;
- conhecimento das técnicas de avaliação da aprendizagem;
- conhecimento das técnicas de planejamento do ensino.

Desenvolveu-se o seguinte programa de estudo:

---

\* Diretora da Escola de Biblioteconomia da UFMG.

## PARTE I

### METODOLOGIA DO ENSINO SUPERIOR

(45 horas/aula)

1. O PROCESSO DECISÓRIO
  - 1.1. Teorias de ensino
  - 1.2. Enfoque sistêmico do ensino
  - 1.3. O ensino como processo de comunicação.
  
2. OBJETIVOS DO ENSINO
  - 2.1. Níveis de especialização
  - 2.2. Classificação: as taxonomias de objetivos
  - 2.3. Formulação de objetivos em termos comportamentais.
  
3. AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM
  - 3.1. Relação entre objetivos e avaliação
  - 3.2. Avaliação formativa e somativa
  - 3.3. Medidas baseadas em critérios e medidas baseadas em normas
  - 3.4. Instrumentos de medidas
  - 3.5. Análise e interpretação dos resultados da avaliação.
  
4. ESTRATÉGIA DO ENSINO
  - 4.1. Módulos de aprendizagem
  - 4.2. Instrução programada
  - 4.3. Aula expositiva
  - 4.4. Trabalho de grupo e seminário
  - 4.5. Estudo dirigido
  - 4.6. Aulas práticas: laboratórios.

A segunda parte constou de seminários coordenados por professores da Escola e de outras instituições

de ensino da biblioteconomia, tendo o seguinte objetivo geral:

- refletir sobre o ensino da biblioteconomia no país, a partir de seminários compreendendo:
  - exposição, por coordenadores convidados, relativo à prática docente, abrangendo os aspectos: conteúdo programático, metodologia adotada, comentário da bibliografia recomendada e tendência da disciplina;
  - depoimentos relativos à sistemática docente, de outros professores participantes;
  - identificação e discussão de problemas específicos das disciplinas gerais do ensino da biblioteconomia.

## PARTE II

### SEMINÁRIO (45 horas/aula)

A semana de seminários constou da seguinte programação:

- Situação epistemológica da biblioteconomia;
- Currículo de Biblioteconomia (organizado por áreas de estudo) e Currículo de Arquivologia;
- Organização e Administração de Bibliotecas;
- Estágio;
- Documentação;
- Catalogação e Classificação;
- Referência;
- Planejamento bibliotecário;
- Bibliografia;
- Ciência da Informação;
- Estudo do usuário.

## SITUAÇÃO EPISTEMOLÓGICA DA BIBLIOTECONOMIA

*Coordenador:*

ANTÔNIO COTA MARÇAL (UFMG)

O coordenador se propôs a partir do exame de certos conceitos (conhecimento comum versus conhecimento científico, arte, técnica e epistemologia) levantar questões relativas à situação epistemológica da biblioteconomia.

Epistemologia, etimologicamente discurso (*logos*) sobre a ciência (*episteme*) era tradicionalmente um ramo da filosofia e denominada filosofia das ciências ou teoria do conhecimento. O termo epistemologia surgiu a partir do século XIX como discurso periférico à investigação científica no qual se reflete o trabalho científico. Epistemologia seria então um discurso segundo, no qual o discurso primeiro da ciência é refletido.

Modernamente, a disciplina epistemologia é conceituada como tendo a função essencial de submeter a prática dos cientistas a uma reflexão que, diferentemente da filosofia clássica do conhecimento, toma por objeto, não mais uma ciência feita, mas as ciências em via de se fazerem, em seu processo de formação e de estruturação progressivas.

Dentre as direções epistemológicas atuais, destacam-se a epistemologia histórica (Bachelar e Althusser), a epistemologia genética (Piaget) bastante promissoras para nosso interesse na biblioteconomia. A epistemologia neo-positivista (analítica), cuja tônica fundamental é a formalização matemática dos dados, tem sido a base da literatura biblioteconômica, exemplificada por Shera (23) e Nitecki (18). Tal epistemologia foi elaborada em função de uma dualidade: ciências formais e naturais versus ciências sociais ou

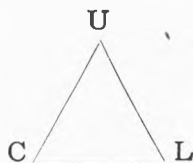
humanas. Estas últimas, mais tardiamente constituídas, não dispõem ainda de uma epistemologia formalizada.

Sob o influxo da epistemologia histórica, já se percebeu que a cisão entre ciências naturais e ciências humanas é apenas reflexo de uma situação histórica cultural bem delimitada, tendo essa polaridade um valor meramente ideológico. Isto é verificado pelos resultados a que chegou Thomas Kuhn, através do estudo do processo do desenvolvimento científico. O chamado contexto da descoberta científica não está desligado do contexto da justificação.

Quanto à objetividade atribuída às ciências naturais, porque tratam de fatos, enquanto as ciências humanas, por se referirem às idéias seriam subjetivas, há que considerar que há diferentes *níveis* de objetividade e diferentes modos de investigação científica.

A biblioteconomia, a nosso ver, precisa ser redefinida dentro da cultura como saber geral, saber que envolve teoria e prática. Quais são os dados (fatos) tipicamente bibliotecológicos? Qual é o objeto da biblioteconomia? O que é informação? Estas nos parecem propostas básicas para uma reflexão epistemológica acerca da biblioteconomia.

O objeto da biblioteconomia é um objeto em constituição constante se tomarmos o relacionamento proposto por Nitecki (18). Segundo este autor o objeto da biblioteconomia é a relação entre os elementos: usuário, conhecimento (informação) e o livro (materiais) representado pelo triângulo equilátero:



Em princípio não é o objeto ou tema que distingue a ciência da não ciência. Se o objeto não é o que distingue a ciência, então têm que ser a forma (procedimentos) e o objetivo. É o modo como a ciência opera para alcançar algum objetivo determinado, ou seja, o método científico e a finalidade para a qual se aplica esse método.

Foram propostas as questões: Como tem sido a prática bibliotecária? Somos capazes de apontar agora alguns elementos científicos nesta prática?

A biblioteconomia não tem se preocupado muito com a fundamentação nem com a sistematização das regras do procedimento científico. Toda área científica trabalha com certos elementos teóricos, que não existem por si, são criados e porisso se denominam constructos. Em biblioteconomia há conceitos pouco definidos, normas técnicas pouco precisas. O próprio nome biblioteconomia teria que ser afastado por inadequado. Se o substituímos por Bibliotecologia ainda não teríamos a solução, pois estaríamos nos limitando aos discursos do livro.

O ensino da biblioteconomia tem sido um ensino passivo, sem elaboração pessoal do aluno. Há importação de conhecimento sem adaptação ao meio. É o currículo estruturado com base na prática científica? Há adequação de conteúdo ao produto final visado?

Outro ponto abordado: a epistemologia reflete também sobre os valores. Sendo a biblioteconomia compromissada com a cultura, cabe conseqüentemente ao profissional da área participar mais ativamente dos problemas sócio-políticos relativos à informação.

Encerrando o seminário, ficou evidenciada a necessidade de se transformar o trabalho bibliotecário, sua prática tanto escolar como profissional, em uma prática científica, com sistematização e controle.

## *CURRÍCULO DE BIBLIOTECONOMIA*

*(organizado por áreas de estudo)*

*Coordenadores:*

ANA MARIA ATHAYDE POLKE (UFMG)

MARIA LUIZA ALPHONSUS DE GUIMARAENS FERREIRA  
(UFMG)

A inclusão de uma tarde dedicada ao tema "Currículo de Biblioteconomia" deve-se ao fato de ser a reformulação desse currículo preocupação antiga dos professores da área. Através de artigos publicados nos periódicos de biblioteconomia, de trabalhos apresentados nos congressos e de discussões realizadas durante encontros de professores, tal problema tem sido recorrentemente abordado.

Iniciou-se o seminário com uma listagem das críticas mais comuns ao currículo, tal como se refletem nos programas e na prática docente. Foram identificadas as deficiências relacionadas abaixo, que apesar de antigas e conhecidas e, talvez por isso mesmo, não têm sido enfrentadas — antes convive-se com elas. Resumindo:

— o currículo é desvinculado da realidade social, quando há necessidade de se conhecer o ambiente maior em que está situada a biblioteca, pois não é possível atuar numa realidade que se desconhece;

— o usuário é ignorado e, como foi apontado durante as discussões, tal omissão é consequência da desvinculação antes mencionada. Modernamente tem se tornado moda falar no usuário como muito importante, mas resta a explicitação real dessa importância tanto na prática de ensino como no exercício profissional;

— a prática docente é centrada e concentrada no *como fazer*, em detrimento do *porque*. Há ausência de indagação ou de uma preocupação teórica que fundamente a prática. Dedicou-se cargas horárias enormes à Classificação I, II, III e a quantos sistemas existam para serem ensinados, sem nenhuma referência à teoria da Classificação, hoje um dos setores mais desenvolvidos da biblioteconomia;

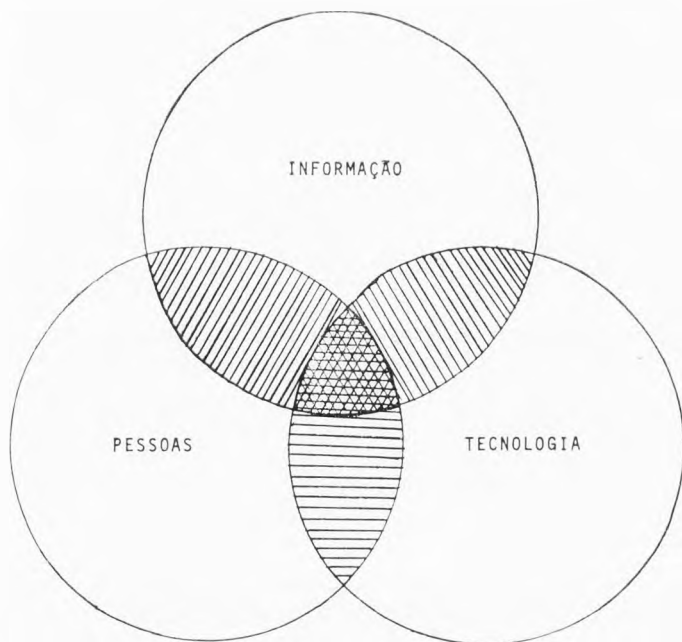
— a ausência de rigor científico, já abordada no seminário anterior, leva à imprecisão terminológica, para não dizer vazio terminológico;

— há compartimentação de disciplinas, às quais se atribui o caráter de entidades. A entidade Catalogação, a entidade Classificação, etc. . Não é a Classificação uma linguagem de Indexação? Por que não integrar Catalogação, Classificação e Indexação, conferindo-lhes organização e seqüência lógicas?

No plano internacional tem sido mais insistentemente apontada a situação estática tanto da biblioteca como do ensino da biblioteconomia. Taylor (24) chama atenção para a mudança no contexto cultural. Bibliotecas, e outras instituições voltadas para a comunicação, emergiram e amadureceram numa cultura rica em experiência e pobre em informação, quando agora o quadro é outro. Sendo a cultura na atualidade rica em informação e pobre em experiência, essa mudança aporta profunda implicação para a biblioteca e as instituições de ensino. Taylor fala ainda da geografia mais vasta da qual a biblioteconomia é parte: ciência da informação, tecnologia educacional, comunicações, ciência da computação, administração, meios audiovisuais, telecomunicações, política de pesquisa, etc. A sua proposição para um modelo de educação bibliotecária que atenda a mudanças é pensada ao nível de pós-graduação, o que no sistema norte-americano é



precedido do *college*. O papel de “filtro” a ser desempenhado pelo bibliotecário tem então sua base nos conhecimentos fornecidos pelo *college*. Assim Taylor identifica três áreas principais e as ilustra com o diagrama:



A quarta área, superposição de todas as outras, refere-se à pesquisa.

As quatro áreas incluem:

— INFORMAÇÃO

- formatos
- fontes e recursos
- níveis de sofisticação
- organização
- filtros.

— PESSOAS

- ambientes (contextos)
- comunicação (processos)
- canais
- mudança (efeitos da inovação, perspectivas de sistemas alternativos, prognósticos tecnológicos e sociais).

— TECNOLOGIA

- dispositivos (livros, vídeo-teipes, microformas, etc.)
- sistemas (planejamento e análise)
- economia (custos e benefícios da informação)
- administração.

A expositora falou a seguir das tentativas levadas a efeito na Escola de Biblioteconomia da UFMG no sentido de atenuar as deficiências apontadas inicialmente.

O estabelecimento, em 1976, do Ciclo Básico de Ciências Sociais foi um encaminhamento no sentido de oferecer aos alunos uma visão de conjunto das Ciências Sociais, tendo por objeto de análise a sociedade brasileira contemporânea. Os objetivos gerais do Ciclo Básico foram assim definidos:

— proporcionar uma visão de conjunto das Ciências Sociais, a partir da unidade do social;

— analisar os principais problemas relacionados à produção de conhecimentos, especialmente aqueles compreendidos na formulação de teorias sociais;

— possibilitar uma compreensão geral da formação da sociedade brasileira, e particularmente de seu estado atual.

O Ciclo Básico da área de Ciências Sociais da UFMG é comum aos estudantes de Direito, Ciências

Contábeis, Economia, Administração de Empresas, Ciências Sociais, Comunicação Social, História, Filosofia e Biblioteconomia. Compreende as disciplinas: "Lógica do Pensamento Científico", "Política", "Sociologia" e "Economia".

Quanto à segunda crítica, houve na Escola reformulações curriculares que levaram à redução de cargas horárias de disciplinas muito concentradas na prática, ao mesmo tempo em que se procurou integração de disciplinas pela organização em setores. Essas modificações são explicadas nos seminários específicos.

Durante a discussão foi lembrado que não está ainda resolvido o problema da *ponte* entre o ciclo básico e o ciclo profissional. A biblioteconomia oferece a disciplina "Introdução à Biblioteconomia e à Documentação" no ciclo básico, que é obrigatória para os alunos de biblioteconomia e optativa para os demais. Através do contato com o Departamento de Ciências Sociais, quando o nosso professor participa de reuniões do Colegiado e ainda de entrevistas sistemáticas com os alunos, já no ciclo profissional, tem sido apontada a "quebra" ou interrupção de enfoque. Seria necessário que nós, professores, retomássemos o enfoque "contexto social" em todas as abordagens. O problema é que não passamos pela experiência do ciclo básico em nossa formação e há que pensar como essa lacuna pode ser atenuada. Sugeriu-se o estudo das obras significativas, tal como indicadas na bibliografia das disciplinas do ciclo básico de Ciências Sociais, seguidas de seminários coordenados pelos professores do Departamento de Ciências Sociais.

Outro ponto abordado na discussão foi a ausência de disciplinas da Psicologia no currículo, quando se informou que proposta nesse sentido tinha sido submetida à Coordenação de Ensino e Pesquisa da UFMG.

## *Currículo organizado em áreas de estudo*

A organização do currículo em grandes áreas de estudo oferece, segundo os autores de estudos curriculares, essas vantagens:

— evita a compartimentação das disciplinas do currículo tradicional através do agrupamento lógico de disciplinas;

— permite maior abrangência na abordagem, possibilitando a eliminação de excessivos detalhes fatuais;

— facilita a compreensão de princípios comuns, aumentando também a funcionalidade no aprendizado.

Por outro lado, as desvantagens correm pelo maior ou menor grau de dificuldade que as pessoas sentem no trabalho em equipe, além do risco de superficialidade nas abordagens.

A título de exemplificação, foi ainda submetido a exame outro modelo de currículo, organizado em áreas de estudo, o de Howes (11) que, partindo da premissa de que a função da biblioteconomia é a transmissão de informação, que inclui idéias, opiniões, fatos, atitudes e ideais, identifica as três áreas de estudo da biblioteconomia como sendo os materiais a serem comunicados, os métodos pelos quais a informação ocorre e o usuário, receptor da informação. As subdivisões das três áreas de Howes assim se apresentam, resumidamente:

### 1. *Materiais a serem comunicados:*

1.1. A informação (como é gerada, registrada e transmitida);

1.2. Os meios físicos para transmissão de informação (técnicas de promoção do acesso à informação; métodos de distribuição de todos os meios, não apenas o livro);

- 1.3. Métodos de organização da informação em bibliotecas.
2. *Métodos pelos quais a informação ocorre:*
  - 2.1. Bibliotecas e sociedade;
  - 2.2. Princípios de Administração aplicáveis à biblioteca;
  - 2.3. Teorias e métodos de comunicação.
3. *O usuário (receptor de informação)*
  - 3.1. Estudo do indivíduo;
  - 3.2. O usuário em grupos;
  - 3.3. Educação do usuário.

Precedendo suas proposições o autor sugere não haver áreas na biblioteconomia que lhe sejam peculiares. Catalogação e classificação, por exemplo, não constituem função exclusiva dos bibliotecários. Na verdade, qualquer fabricante de carros etiqueta seus vários produtos com um número específico (individualizando a unidade), número esse que precisa ser referido às tabelas de catálogos para ser descrito. Geólogos classificam e catalogam os espécimes de rochas, e assim por diante.

O que distingue uma disciplina ou profissão de outra não são as técnicas usadas para a consecução de objetivos, mas os próprios objetivos. É preciso evitar o engano de se pensar a profissão dividida em blocos estanques: armazenagem, organização, disseminação.

Suas sugestões para o currículo de graduação seriam para um curso de três anos de estudos, no mínimo, e sem dedicar espaço algum às trivialidades.

Do estudo de Harvard-Williams (10) realizado para a UNESCO em 1974, foi distribuída cópia do quadro "Core-curriculo em Ciência da Informação, Biblioteconomia e Arquivologia". Não houve discussão a respeito.

A seguir a professora Maria Luiza A. G. Ferreira falou sobre a proposta de um currículo mínimo de biblioteconomia estruturado sobre questões básicas derivadas do ambiente social e do papel do profissional, situando-o no contexto do processo de transferência da informação. Esse estudo, que contou com sugestões de professores dos Departamentos de Biblioteconomia das Universidades do Paraná, Brasília e Pernambuco, foi publicado na Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG (8). Tendo havido manifestações dos presentes no sentido de que não haviam tomado conhecimento dos estudos para proposição de novo currículo mínimo, a expositora lembrou que, em reunião promovida pela ABEBD em abril de 1976, em Campinas, foi criada uma comissão para os estudos de currículo mínimo, constituído por professores das Universidades de Minas Gerais, Paraná e Pernambuco. Em junho de 1976 a Comissão criada pela Escola de Biblioteconomia da UFMG, da qual a expositora fez parte, remeteu aos demais membros da Comissão de Campinas um documento, cujas linhas gerais eram estas, agora apresentadas no seminário.

Informou que posteriormente ocorreram outras reuniões (agosto de 1976 em Campinas; setembro de 1976 no Rio de Janeiro, durante a Conferência Brasileira de Classificação Bibliográfica; julho de 1976, em Porto Alegre, durante o IX Congresso Brasileiro de Biblioteconomia).

Em reunião da ABEBD durante o referido congresso foi constituída nova comissão, integrada por pro-

fessores da Bahia, Brasília e Paraná para revisão e redação final do documento. O trabalho desta última comissão ainda está em andamento.

## *CURRÍCULO DE ARQUIVOLOGIA*

*Coordenador:*

LUCY GONÇALVES FONTES (UFMG)

Em breve exposição foi abordado o problema de definição clara do papel do arquivista, principalmente da distinção desse papel, caso se trate de arquivo corrente e intermediário ou se trate de arquivo de custódia. Enquanto o primeiro demandaria profissional com treinamento específico, mas ao nível médio (acrescido de conhecimentos de computação para arquivos de maior porte), o segundo envolve *seleção de documentos*, demandando conhecimentos de história e direito.

Quanto à propriedade de as Escolas de Biblioteconomia proverem também o ensino de Arquivologia, foi lembrada a recomendação da UNESCO aos países em desenvolvimento para que o ensino de ambas as disciplinas, Biblioteconomia e Arquivologia, se realizem em uma única escola. Os centros regionais na África e na Ásia, estabelecidos sob o patrocínio da UNESCO, atenderam àquela recomendação.

O currículo mínimo de Arquivologia apresenta problemas que, por serem bastante óbvios e por se tratar de currículo já aprovado pelo Conselho Federal de Educação (CFE), não foram discutidos no seminário.

*ORGANIZAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO  
DE BIBLIOTECAS*

*Coordenador:*

ETELVINA LIMA (UFMG)

A professora apontou, como pontos de limitação na elaboração de programas, o currículo mínimo vigente e a legislação universitária.

O problema de acúmulo de conhecimento leva à necessidade de identificação dos tópicos mais importantes para inclusão nos programas.

A disciplina "Organização e Administração de Bibliotecas" "costura" os conhecimentos providos pelas outras disciplinas.

Quanto aos programas da disciplina "Organização e Administração", na Escola, o agrupamento dos conhecimentos em áreas maiores obedeceu às razões: dar uma visão de conjunto e evitar o excesso de avaliação pela fragmentação em disciplinas menores e, ainda, facilitar o trabalho em equipe por parte dos professores.

Como objetivos gerais da disciplina, no plano comportamental, podem ser identificados:

— compreensão da biblioteca como instituição dinâmica de prestação de serviços ao usuário;

— desenvolvimento de uma atitude crítica na escolha entre alternativas, levando em consideração as variáveis: objetivos da biblioteca (usuários), legislação, volume de trabalho (real ou previsto), recursos financeiros, materiais e humanos e subordinação hierárquica.



A área abrange as disciplinas:

1. *Introdutórias:*

— Introdução à Biblioteconomia e  
à Documentação ..... — 60 hs./a.

2. *Auxiliares:*

— Administração (T.G.A.) ..... — 75 hs./a.  
— Estatística ..... — 90 hs./a.

3. *Nucleares:*

— Organização e Administração de  
Bibliotecas I ..... — 120 hs./a.  
— Organização e Administração de  
Bibliotecas II ..... — 90 hs./a.  
— Tratamento de Materiais Espe-  
ciais ..... — 60 hs./a.

4. *De Aplicação:*

— Mecanização e Automação em  
Bibliotecas ..... — 90 hs./a.  
— Planejamento de Bibliotecas .... — 120 hs./a.

A “*Introdução à Biblioteconomia e à Documentação*” visa a conscientizar o aluno quanto aos problemas da profissão, examinando aspectos conceituais, institucionais e de formação e organização profissional. Procura ainda familiarizá-lo com o vocabulário técnico profissional. Todos os itens do programa serão posteriormente retomados para aprofundamento, exceto direitos autorais.

A metodologia usada inclui trabalhos em grupos, seminários (estudo de textos e discussões).

A “*Estatística*” fornece o instrumental básico indispensável a futuras pesquisas, além de técnicas que

permitam construir critérios e índices para descrever uma realidade particular observada.

A "*Administração T.G.A.*" aborda a evolução histórica da Teoria Geral de Administração, suas principais correntes e figuras, idéias centrais, principais críticas e aplicações práticas. Tem como objetivo oferecer ao aluno um quadro de referências que torne mais eficaz o seu comportamento nas organizações. Visa ainda a aprofundar o conhecimento dos princípios e técnicas da administração, preparando o aluno para aplicar esses princípios e técnicas a cada situação, consideradas especialmente as atividades de biblioteconomia.

Essas duas disciplinas instrumentais são ministradas por professores de outros departamentos e, talvez pelo pouco tempo de estabelecimento da estatística, por exemplo, apresentam uma certa desvinculação com a parte técnica específica.

A "*Organização e Administração de Bibliotecas I*" tem por finalidade oferecer uma visão da biblioteca como sistema de transferência da informação centrado no usuário, com estudos dos elementos para o conhecimento desse usuário. A organização dos acervos bibliográficos está incluída nessa unidade.

A "*Organização e Administração de Bibliotecas II*" trata da organização dos serviços aos leitores: circulação, referência e extensão. Trata ainda da aplicação de princípios administrativos à biblioteca.

"*Tratamento de Materiais Especiais*" trata da seleção, aquisição e organização de materiais não bibliográficos, tais como: mapas, gravações, filmes, diapositivos, ilustrações, folhetos, etc..

A disciplina "*Mecanização e Automação em Bibliotecas*" aborda os conceitos, vantagens e problemas

do tratamento eletrônico da informação. Inclui o computador, seus componentes e o funcionamento e análise de sistemas. Examina a automação em bibliotecas brasileiras e estrangeiras. Discute critérios para a escolha de um processo.

O "*Planejamento de Bibliotecas*" aborda a conceitualização, importância e o processo de planejamento. Trata do planejamento de sistemas e redes de bibliotecas e da biblioteca como sistema.

A incorporação de disciplinas, antes separadas, como a Seleção e a Referência aos programas de Organização e Administração de Bibliotecas I e II teve o propósito de estabelecer uma seqüência de aprendizado, como uma *linha de montagem* de uma biblioteca, culminando com o planejamento, que seria a aplicação.

Pretendeu-se um trabalho em equipe, quando professores de disciplinas anteriormente separadas ficariam encarregados agora de lecionar itens com a colaboração dos demais. Problemas formais como a relação professor/aluno/carga horária têm dificultado essa integração.

Após a exposição foram convidados os vários professores da área para relatarem suas experiências.

## ESTÁGIO

*Coordenador:*

MARIA APARECIDA ESTEVES CALDAS (UFPB)

O seminário constou de três etapas, sendo iniciado com a leitura de um texto do professor José Pires (21) sob a atividade de estágio. Essa primeira parte foi proposta como fundamentação teórica ao seminário.

A 2ª parte constou de grupos de discussão (ver o item debates abaixo) e a 3ª parte de apreciação de um relatório de estágio.

### *Debates:*

A sistemática adotada foi a formação de grupos pela leitura e discussão de um texto distribuído aos vários grupos. O texto-roteiro para discussão abordava quatro pontos:

1. o papel do estágio na formação profissional;
2. objetivo do estágio supervisionado;
3. planejamento do estágio;
4. avaliação do estágio.

O papel do estágio na formação profissional foi conceituado no referido documento como sendo "fase integrante do currículo de um curso, durante o qual o estudante, numa situação profissional concreta, tem oportunidade de desenvolver seus conhecimentos e experiências ou adaptá-los a determinadas situações através da observação e da execução de tarefas".

A questão proposta "se o estágio é visto e tratado como fase importante do currículo de biblioteconomia" recebeu resposta afirmativa de todos os grupos de discussão.

Dos objetivos a serem atingidos pelo estágio supervisionado alguns obtiveram o consenso dos grupos, enquanto outros foram considerados irrealísticos, em certo grau. Pela ordem, primeiro os que obtiveram consenso positivo:

— desenvolver tipos de planejamento condizentes com a diversificação e realidade dos diferentes campos de estágio;

— permitir intercâmbios produtivos entre as instituições e a universidade;

— oferecer ao estagiário possibilidade de se identificar, como pessoa, com o conjunto de atividades, situações e vivências peculiares à profissão, no confronto dos pré-requisitos pessoais com os pré-requisitos da ocupação.

Os objetivos seguintes receberam ressalvas, conforme especificadas:

— preparar profissionais competentes e capazes (sim, mas como *uma* fase de preparação);

— dinamizar os campos de atuação dos estagiários, propondo modelos inovadores e adequados. (Foi lembrado que o estágio curricular da Escola de Biblioteconomia da UFMG tem entre os seus princípios, o da não interferência na prática das bibliotecas. O estagiário usa o relatório como instrumento de análise e crítica e, somente se solicitado, apresenta sugestões ao campos de estágio);

— propor soluções aos problemas eventuais e ou aos de caráter permanente identificados nos campos de estágio, quando da competência dos estagiários (as mesmas observações atribuídas ao item anterior);

— pesquisar causas de distorções e rejeições dos esquemas teóricos oferecidos aos alunos no decorrer do curso (houve dúvida em relação ao estágio como instrumento adequado a essa investigação);

— avaliar procedimentos, técnicas e metodologias utilizadas (houve dúvida se essa avaliação se refere aos procedimentos técnicos e metodologias do curso, se da biblioteca ou se do próprio estágio e também dúvidas relativas ao *como* avaliar);

— atuar produtivamente na realidade profissional, identificando-se com ela, levando sua observação, análise e crítica sobre essa realidade; foi sugerido que a formulação do objetivo ficaria mais clara se se acrescentasse a palavra *ou* após *identificando-se*, lendo-se: ...“identificando-se com ela, ou levando sua observação, análise e crítica sobre essa realidade”.

O terceiro ponto proposto para discussão, isto é, o planejamento do estágio obteve aprovação de todos. Assim estavam relacionados no documento os fatores a serem levados em consideração, quando do planejamento do estágio:

a) preferencialmente oferecer o estágio supervisionado após terem sido completadas as disciplinas teóricas do curso:

b) estabelecer critérios específicos quanto à duração, horários compatíveis e adequados, formas de supervisão, acompanhamento e avaliação;

c) prever as possíveis variáveis que se podem configurar como restrições ao desenvolvimento do programa;

d) prever um trabalho integrado da instituição com a Universidade;

e) determinar previamente o perfil das atividades a serem desenvolvidas;

f) prever o processo de acompanhamento e avaliação dos estagiários;

g) prever as formas de revisão das experiências de estágio da Universidade com as instituições;

h) prever formas de revisão dos programas de estágio, realização de estudos complementares, estudos de casos e trocas de experiências com os diferentes grupos de estagiários de um mesmo curso;

i) planificar uma linha de competências (definição de papéis, dos direitos e deveres) para os elementos envolvidos na situação de estágio;

j) estabelecer as diferentes etapas do estágio com atividades e horários definidos, através do emprego de instrumentos e controle de tempo destinado aos estágios supervisionados.

A avaliação, quarto ponto proposto para discussão, embora todos concordassem que a avaliação do desempenho do estagiário é importante, ponderaram a dificuldade de se quantificá-la na escala 0 a 10, conforme prática escolar vigente, porque mesmo os conceitos A, B, C, etc., obedecem a essa quantificação.

Na terceira parte do Seminário, Maria Aparecida Esteves Caldas distribuiu aos presentes o documento "Estágio aplicado pela Biblioteca Central da UFRN" — por ela coordenado e que resulta de convênio firmado entre as universidades federais do Rio Grande do Norte e da Paraíba. No documento constam a justificativa do programa de estágio, seu objetivo geral, planejamento, cronogramas e avaliação.

O planejamento do estágio foi considerado adequado ao objetivo proposto ou seja "ao finalizar o treinamento, o aluno conhecerá as rotinas de trabalho realizados na Biblioteca Central da UFRN e será capaz de organizar ou sugerir outras".

O planejamento consta de detalhada especificação de objetivos comportamentais, indicando conteúdo, estratégia e avaliação, o que foi reconhecido como fator que facilita sobremaneira a avaliação do desempenho dos estagiários.

Pelo depoimento dos professores presentes verificou-se haver grande diferença na sistemática de está-

gio adotada pelos vários cursos, bem como de carga-horária. Podem ser identificadas três linhas de estágios:

1. o trabalho dos alunos durante o estágio é canalizado para a organização de bibliotecas que não dispõem de bibliotecário, principalmente no interior, onde as dificuldades para se contratar o profissional são maiores. Em alguns casos, o treinamento de um auxiliar para dar continuidade aos trabalhos faz parte integrante do estágio.

De acordo ainda com os depoimentos, algumas dessas bibliotecas ou centros de documentação têm contratado o estagiário quando este completa o curso. Há supervisão dos professores em todas as fases do estágio;

2. o estágio de todos os alunos realiza-se em uma única biblioteca, na biblioteca central da universidade, como é o caso dos alunos da Paraíba. Através de convênio entre as duas universidades, da Paraíba e do Rio Grande do Norte, os alunos da primeira estagiam durante as férias na biblioteca central da segunda. Há uma coordenadora e vários supervisores que são as bibliotecárias da universidade, cada uma em seu setor. A coordenação fixa os objetivos comportamentais a serem atingidos pelo aluno-estagiário. Cada supervisor avalia o nível de consecução dos objetivos. O aluno, por sua vez, também avalia o estágio através de questionário que aborda os itens supervisor, metodologias, estágios/resultados e auto-avaliação;

3. o estágio é realizado em várias bibliotecas, de acordo com a opção do aluno. Há um coordenador, professor da escola e supervisores em cada biblioteca.

O professor designado para coordenar o estágio seleciona bibliotecas, planeja o estágio, acompanha seu andamento através de visitas às bibliotecas e avalia



os relatórios dos alunos em suas diversas etapas. Em algumas instituições, como em Pernambuco, todos os professores acompanham o estágio, mediante escala de permanência nas bibliotecas. O supervisor, bibliotecário em exercício no local de estágio, supervisiona as atividades de estágio em sua biblioteca, orienta e atribui aos estagiários tarefas de acordo com o plano de estágio, previamente estabelecido. Avalia o desenvolvimento pessoal do estagiário e o trabalho realizado.

#### *Conclusões:*

Finalizando o seminário, foram consideradas válidas as seguintes condições a serem preenchidas pelo estágio supervisionado:

1. assegurar uma situação ensino/aprendizagem;
2. estabelecer planejamento e supervisão;
3. avaliar por objetivos e reavaliar os projetos.

#### *DOCUMENTAÇÃO*

*Coordenador:*

MARIA AUGUSTA DA NÓBREGA CESARINO (UFMG)

*Relator:*

Prof. EDUARDO JOSÉ WENSE DIAS (UFMG)

A exposição abrangeu o seguinte temário:

1. retrospectiva da disciplina;
2. a disciplina "Documentação" nos currículos de biblioteconomia no Brasil;
3. a disciplina "Documentação" na Escola de Biblioteconomia/UFMG;
4. problemas para discussão.

## 1. RETROSPECTIVA DA DISCIPLINA

O Brasil ainda está ensaiando os primeiros passos na tentativa de criar modelos próprios de ensino. Portanto, a disciplina "Documentação", como quase todas as outras disciplinas acadêmicas, segue um modelo alienígena.

Partindo desse ponto, sentimos necessidade de fazer um retrospecto do surgimento da "Documentação" no panorama mundial. Este retrospecto pretende resumir apenas três pontos:

- a evolução do tratamento da informação;
- a evolução das instituições ligadas à organização da informação;
- a evolução da profissão.

### 1.1. *A evolução do tratamento da informação*

A cisão Biblioteconomia/Documentação teve início no final do século XIX, sobretudo porque os cientistas sentiram a necessidade de dar à informação, cada vez mais complexa e volumosa, um tratamento mais racional. Este início ocorreu em duas frentes bem distintas:

a) a organização de assunto: da CDU às novas abordagens das linguagens documentárias, com o conceito de pós-coordenação, análise facetada, etc.;

b) o aspecto tecnológico ligado à utilização de equipamentos mais sofisticados de armazenagem da informação, como o microfilme, e hoje relacionado aos equipamentos eletrônicos de processamento de dados.

### 1.2. *A evolução das instituições ligadas à organização da informação*

Na medida em que os usuários passaram a exigir produtos diferentes, sobretudo aqueles ligados à pesquisa industrial, viu-se que as bibliotecas técnicas não estavam equipadas de forma adequada, não contavam com pessoal especializado, enfim não estavam estruturadas para atender a demandas mais sofisticadas. Surgiram novas instituições: centros de documentação, centros de análise de informação, *clearinghouses*, centros referenciais, serviços de disseminação da informação para atender às exigências crescentes da sociedade.

Cumprе ressaltar que muito cedo o termo Documentação, assim como os outros termos a ele relacionados, foi abandonado em favor do termo informação. E isso mesmo nos países onde o termo teve origem.

O chamado "Relatório Weinberg", de 1963 (27), acentuou a cisão entre bibliotecas especializadas e técnicas, de um lado, e centros especializadas de informação, de outro, diferenciando-os formalmente quanto ao produto que ofereciam e ao pessoal especializado que neles atuava, situando a biblioteca apenas como um suporte dos centros.

### 1.3. *A evolução da profissão*

Acompanhando as evoluções anteriores, surgiu um novo tipo de profissional: o cientista da informação, algumas vezes saído da comunidade dos bibliotecários, outras vezes de comunidade de especialistas no assunto.

Para alguns setores, essa cisão representa apenas mera questão de "modismo terminológico" ou a febre de novos rótulos para vender produtos antigos. Esta posição nos parece simplista. Deve-se refletir sobre

a posição de Klempner (13) que, ao tratar da relação entre a Documentação e a formação do bibliotecário lembra que: “quando a nossa sociedade necessita de um serviço — no caso, a obtenção da informação — este, seguramente, será providenciado. Entretanto, para os membros da sociedade em geral, é indiferente o fato de que tal serviço seja oferecido por uma instituição denominada biblioteca especializada, centro de documentação, ou centro de análise de informação. Se os últimos foram criados mesmo sabendo-se a existência das primeiras, não é que a sociedade não gostasse do nome “biblioteca”, mas porque esta, realmente, não estava mais atendendo aos seus objetivos”.

Os países mais desenvolvidos acordaram para esse problema, e a aceitação de uma nova disciplina foi acompanhada de mudanças estruturais na formação dos profissionais ligados ao tratamento da informação: estes teriam dupla qualificação: o domínio de uma área do saber e o domínio de técnicas especializadas no tratamento da informação.

## 2. A DISCIPLINA “DOCUMENTAÇÃO” NOS CURRÍCULOS DE BIBLIOTECONOMIA NO BRASIL

Os países desenvolvidos, ao enfatizarem o estudo da ciência da informação estavam atendendo a uma exigência real de uma sociedade industrializada, produtora de pesquisa científica em grande escala. O mesmo não se pode dizer do Brasil. A importação da “Documentação” para os currículos das escolas de biblioteconomia do Brasil, na época em que isso ocorreu, não passou de simples “modismo”. Nossa sociedade, em nível incipiente de industrialização, sem pesquisa industrial, limitando-se a consumir “know-how” estrangeiro, estava longe de apresentar a mesma demanda de informação de outros países.

Por outro lado, também as escolas de biblioteconomia não dispunham de um corpo docente capacitado para lecionar a nova disciplina.

Pode-se resumir o problema, dizendo que a disciplina "Documentação" foi apenas acrescentada ao currículo de biblioteconomia e, mesmo assim, apenas alguns itens dessa disciplina, ou seja, aqueles para os quais se dispunha de professores, e não os itens prioritários.

Não houve uma mudança real na formação do profissional. O bibliotecário, agora alçado também ao nível de documentalista, continuou com qualificação única e, o que é mais grave, sem saber adequar as novas técnicas que estava aprendendo às exigências da realidade brasileira, por desconhecer essa realidade.

As escolas de biblioteconomia do Brasil, em linhas gerais, acrescentaram aos seus currículos os seguintes itens, dando-lhes maior ou menor ênfase, conforme as possibilidades regionais:

- elaboração e normalização do trabalho científico;
- instituições internacionais ligadas à Documentação;
- centros de documentação (bibliotecas especializadas);
- mecanização;
- princípios de automação;
- indexação.

### 3. A DISCIPLINA "DOCUMENTAÇÃO" NA ESCOLA DE BIBLIOTECONOMIA, UFMG

Atualmente, na Escola de Biblioteconomia da UFMG, o ensino da "Documentação" se faz basicamente através das seguintes disciplinas:

a) *Introdução à Biblioteconomia e à Documentação*: conceituação das instituições criadas, em diferentes épocas, para preservar, organizar e difundir material de leitura e de informação;

b) *Indexação*: visão do processo de indexar como etapa básica dos sistemas de recuperação da informação; técnicas e problemas da análise de assunto para determinação do conteúdo informativo de documentos e/ou para a criação de linguagens de indexação pré e pós-coordenadas;

c) *Elaboração e Apresentação do Trabalho Científico*: técnicas básicas para a elaboração e apresentação de trabalhos científicos, com a finalidade de habilitar o bibliotecário a orientar a publicação de monografias e publicações periódicas; técnica de pesquisa bibliográfica;

d) *Documentação B*: visão específica de diferentes centros e serviços de informação; estrutura organizacional e serviços prestados; instituições e sistemas de informação nos planos nacional, regional e internacional; avaliação e utilização desses sistemas.

#### 4. PROBLEMAS PARA DISCUSSÃO

Se inicialmente a "Documentação" foi apenas um modismo, e se as escolas de biblioteconomia adotaram e conservaram um termo obsoleto para representar uma disciplina importante para a formação do profissional em informação não são pontos relevantes. O importante é saber se hoje já existe uma demanda real para os serviços documentários e se as escolas estão preparando profissionais aptos a atenderem essa demanda.

Alguns problemas básicos para discussão seriam:

a) A inclusão da "Documentação" no currículo de biblioteconomia é apenas um "modismo", ou visa a atender uma necessidade real da sociedade brasileira e despertar-lhe a consciência para o problema da informação com base no desenvolvimento econômico e tecnológico;

b) Se a "Documentação" visa a atender a uma exigência real, quais seriam as exigências prioritárias numa sociedade com as características sócio-econômicas do Brasil;

c) Como isto se refletiria na formação dos bibliotecários:

- o problema da especialização;
- o problema do ensino de novas técnicas (e a que nível se daria este ensino);
- o problema de formação do pessoal docente;
- o problema de criação de uma literatura em português (originais e traduções).

### *Debates*

Antes de iniciarem-se propriamente os debates, os professores de "Documentação" participantes do seminário deram seu depoimento quanto à sistemática de docência da disciplina nas respectivas escolas. Em linhas gerais, há uma grande identidade entre programas e metodologias, as diferenças geralmente restringindo-se à terminologia utilizada para a designação das diversas disciplinas em que a área fragmenta-se, bem como quanto à atribuição dos conteúdos programáticos através dessas mesmas disciplinas.

Os debates deram ênfase ao problema da formação do documentalista (ou bibliotecário especializado). Partindo-se da premissa de que este é o tipo de bibliotecário de maior demanda no mercado, chegou-se à conclusão de que a formação desse profissional é uma exigência dramática, e que tal formação deveria ocorrer em nível de graduação, porque os cursos de pós-graduação não teriam condições de atender à demanda existente. Quanto à sistemática de organização de tais cursos, entre outras sugestões, lembrou-se uma solução já aventada em outros tempos, qual seja a da frequência do aluno de biblioteconomia a cursos introdutórios da área de especialização. Exemplo: o bibliotecário a especializar-se em biologia faria, no curso de biologia, disciplinas do tipo "Introdução à Biologia", ou coisa semelhante.

Outros pontos levantados, com menor ênfase, foram:

a) nível de transmissão do conhecimento sobre técnicas documentárias;

b) necessidade de um consenso quanto ao núcleo mínimo da disciplina "Documentação", núcleo a ser lecionado em todas as escolas de biblioteconomia, sendo esse núcleo ampliado na medida das necessidades regionais;

c) necessidade de incentivar-se uma cooperação maior entre as escolas de biblioteconomia no sentido de produzir uma bibliografia especializada brasileira, bem assim a tradução de textos estrangeiros;

d) reunião de professores da área de "Documentação" para a discussão de problemas específicos e troca de experiências; e

e) realização de cursos de especialização de curta duração, destinados a professores e profissionais.



## CATALOGAÇÃO, CLASSIFICAÇÃO E INDEXAÇÃO

*Coordenador:*

MARIA MARTHA DE CARVALHO (UFMG)

### INTRODUÇÃO

A coordenadora lembrou que a Catalogação e a Classificação dão o ar de mistério à profissão, como disse Maurice Line, através de complexos números de classificação e detalhes nas fichas dos catálogos, não se levando em conta o usuário e as suas dificuldades na consulta à biblioteca (15).

### A DISCIPLINA NO CURRÍCULO DE BIBLIOTECONOMIA

Catalogação e Classificação são parte integrante, sem discussão, do currículo mínimo, sendo muitas vezes excessivamente valorizadas em algumas escolas, em detrimento de outras disciplinas-fim. A Mesa de Medellín (1963-65) (26) recomendou um mínimo de 300 horas aula para catalogação e classificação (parte teórica e parte prática) com os seguintes objetivos:

- a) iniciar o aluno nos princípios básicos que regem a catalogação e a classificação;
- b) familiarizar o aluno com os instrumentos de trabalho;
- c) capacitar o aluno na forma mais integral possível (teórica e prática) para desempenhar com eficácia suas funções;
- d) inculcar no aluno o verdadeiro sentido conceitual da catalogação e da classificação.

Citou um artigo de Briquet (4) onde ele aborda o problema da disparidade de carga horária entre as

escolas, algumas ocupando 1/3 do total de horas/aula do currículo mínimo.

A Mesa de Medellín recomendou também que o ensino das duas disciplinas fosse baseado não somente em aulas expositivas, mas complementado com leituras sobre as unidades (apontou um dos nossos problemas que é a quase inexistência de bibliografia em português).

Quanto à recomendação de Medellín para a utilização de recursos áudio-visuais no ensino ("slides" de folhas de rosto) lembrou que atualmente a transparência substitui perfeitamente o "slide", sendo muito mais acessível. Enfatizou ainda, que o ensino deve dar base teórica e procurar desenvolver bom senso ao invés de fornecer receitas e se ocupar com detalhes (14).

#### A SITUAÇÃO NA ESCOLA DE BIBLIOTECONOMIA/UFMG

Na Escola as duas disciplinas eram divididas em Catalogação I e II (180 hs/a) e Classificação I e II (180 hs a), complementadas pela disciplina "Catalogação de Materiais Especiais" (45 hs/a), num total de 405 horas/aula.

Após várias discussões e estudos, foi feito em 1974 um programa global (ver artigo de Jandira Batista de Assunção e Marysia Malheiros Fiuza. (1). Ao elaborar o novo currículo, os professores de catalogação e classificação organizaram um programa que:

— tratasse da organização de documentos em bibliotecas e centros de documentação;

— incluísse princípios de catalogação descritiva; tipos de catálogos e sua organização; linguagens de indexação, com ênfase nos sistemas de classificação mais usadas no Brasil (CDD e CDU);

— proporcionasse ao aluno a imagem da biblioteca como um sistema dinâmico, intimamente ligado à transferência da informação (autor-usuário).

Surgiram então três disciplinas: Catalogação (90 hs/a), Indexação (90 hs/a) e Classificação e Catalogação (120 hs/a), mais a matéria optativa, Classificação Facetada (60 hs/a).

Foram apresentadas as ementas das disciplinas.

A coordenadora do seminário passou a palavra aos professores da Escola e a Profa. Maria Cristina Mello Ferreira Pinto mostrou como é lecionada a primeira aula das disciplinas catalogação e indexação que visam a dar aos alunos uma visão de integração das duas disciplinas e do papel que elas desempenham na representação dos documentos e na Recuperação da Informação na biblioteca.

#### CATALOGAÇÃO — 90 hs/a.

Conhecimento dos princípios de Catalogação e de seus principais códigos. Estudo e prática da confecção de entradas catalográficas, construção e manutenção de catálogos de bibliotecas. Análise dos diferentes tipos de entradas catalográficas, tendo em vista as necessidades do usuário. Aplicação dos princípios de catalogação bibliográfica a materiais especiais.

#### INDEXAÇÃO — 90 hs/a.

Visão do processo de indexar como etapa básica dos sistemas de recuperação da informação. Técnicas e problemas da análise de assunto para determinação do conteúdo informativo de documentos e/ou para a criação de linguagens de indexação pré e pós-coordenadas.

## CLASSIFICAÇÃO E CATALOGAÇÃO — 120 hs/a.

Aplicação da teoria da catalogação descritiva e de indexação, enfatizando a utilização de um sistema de classificação bibliográfica e visando à confecção e manutenção dos diversos tipos de catálogos externos e internos da biblioteca.

### TRATAMENTO DE MATERIAIS ESPECIAIS

(Optativa) — 45 hs/a.

Esta disciplina é enfocada de modo mais amplo, da seleção à utilização dos materiais especiais e por isso é tratada no seminário de Organização e Administração de Bibliotecas.

Na parte reservada aos debates foi solicitado aos professores da área, em outros cursos, que falassem das suas experiências no ensino das disciplinas.

Foi observada a variação de carga horária com o mínimo de 120 e o máximo de 300 horas/aula. Em alguns cursos a Indexação é lecionada junto com a Documentação. Aos Materiais Especiais é dada ênfase em todas as escolas.

Em estudo anterior (\*), quando foram examinados os programas de classificação em vinte e duas escolas, ficou evidenciada a diversidade da apresentação das disciplinas de classificação, principalmente quanto ao conteúdo dos programas. A carga horária também apresentava uma variação de 5,9% a 15,3% do total de 2.025 horas do currículo mínimo de biblio-

---

\* MESQUITA, Anna Helena G. A. Botelho. *Situação atual do ensino de Classificação*; levantamento dos programas ora em desenvolvimento no Brasil. (Trabalho apresentado na Conferência Brasileira de Classificação Bibliográfica — Rio de Janeiro, 12-17, setembro/1976).

teconomia. Naquela época somente dois cursos (UFMG e FEFIERJ) adotavam o ensino integrado de classificação e catalogação. Alguns programas estudavam as classificações de Cutter, Brown e Bliss, e ficou a dúvida se o estudo desses sistemas visaria à comparação de sistemas ou somente a erudição.

### REFERÊNCIA

COORDENADOR:

SUZANA MÜLLER (UnB)

Inicialmente foi sondada a experiência dos professores presentes quanto ao ensino de referência. A seguir a exposição abordou o conteúdo programático, a metodologia e a bibliografia de ensino dessa disciplina.

#### CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

A partir dos objetivos do serviço de referência, em bibliotecas, pode ser identificado um corpo de conhecimentos e técnicas a ser ensinado num curso de referência. Lembrou-se que a prestação de serviços diretos (informação, orientação no uso da biblioteca e auxílio para localização de material) e de serviços indiretos (seleção e avaliação da coleção e compilação de bibliografias) constituem tais objetivos.

Para prestar *informação* o bibliotecário deverá ter, além do conhecimento de obras e instrumentos, o conhecimento da técnica de atendimento (entrevista), da estratégia de busca, dos métodos e técnicas de apresentação dos resultados, incluindo levantamentos bibliográficos.

A *orientação* quanto ao uso dos materiais bibliográficos e de biblioteca exige conhecimento de técnicas

de levantamento bibliográfico, avaliação de textos, além da organização da própria biblioteca.

Entre os serviços indiretos, a *seleção* de obras requer conhecimentos de instrumentos e técnicas de seleção e da comunidade a ser servida.

A função da biblioteca como um todo, o papel que cabe à referência e a relação desta com os demais departamentos ou serviços da biblioteca são pontos a serem abordados num programa de referência.

Os desenvolvimentos tecnológicos que afetam o serviço, tais como a automação e uso de serviços automatizados, tipo ERIC ou MEDLARS poderão ser incluídos no programa.

A cooperação bibliotecária, a avaliação dos serviços, o conhecimento do usuário foram outros tópicos abordados como requerendo inclusão no programa.

A teoria ou filosofia de serviço fornece as diretrizes e justificativas para as decisões relativas ao montante de serviço a ser oferecido, tipo e intensidade de auxílio a ser prestado, as políticas e normas de atendimento. Esta filosofia de serviço que, naturalmente, abrangerá um pouco do histórico das bibliotecas em geral e do serviço de referência em particular, deve ser apresentada aos alunos.

Pode-se discutir a *ênfase* a ser dada em cursos de referência a cada um desses aspectos. Pode-se ainda colocar ou apontar outros aspectos não mencionados. Mas seria difícil dizer que qualquer um desses aspectos mencionados não sejam relevantes para o futuro desempenho de referência.

O que pode acontecer é que certos aspectos por si só são tão importantes que constituam nova disciplina — como é o caso do estudo do usuário — ou a avaliação de serviços, ligadas a disciplina Organização e Administração de Bibliotecas.

A seguir, a expositora se propôs a separar do total do conhecimento identificado, aqueles aspectos que indiscutivelmente devem figurar num curso introdutório de referência, sendo focalizados por si mesmos e em relação aos demais:

— o ensino das obras de referência (tipos e obras específicas, uso e manuseio, avaliação, formação das coleções);

— atendimento do usuário (entrevista; processo de referência);

— organização do serviço (administração; localização);

— função (objetivos); conhecimento do usuário);

— avaliação dos serviços.

#### METODOLOGIA

Foram apontados os pontos positivos e negativos dos vários métodos para a parte prática do curso, tais como a dramatização em classe da situação de referência, o estudo de problemas, a observação, os projetos, estágios, laboratório, etc. Entre os autores citou Lynch & Whitbeck (16), que descrevem o método por eles empregado no ensino de referência que consistiu em:

a) os estudantes trabalharam em serviços indiretos de referência na biblioteca local da universidade;

b) realizaram observação direta do trabalho dos bibliotecários de referência;

c) participaram de discussões com os bibliotecários de referência, quando foram considerados problemas e questões envolvendo aspectos do serviço.

Como conclusão opinou não ser possível manter cursos inteiramente teóricos nem inteiramente práticos. A experiência mencionada, com suas falhas e sucessos, pode contribuir para melhorar as classes.

Reportou-se a estudos apresentados na literatura especializada que, partindo da afirmativa de que as técnicas da entrevista não são ensinadas em cursos de referência, mas têm que ser aprendidas pela experiência, autores propõem e descrevem um método de ensino, com o uso de vídeo-teipe, onde os alunos podem se ver em situação de referência. O comportamento verbal e o não verbal podem ser analisados e várias sessões de vídeo-teipes do mesmo aluno em diversas fases permitem a avaliação do progresso.

#### BIBLIOGRAFIA

Foram comentados vários itens bibliográficos referentes à metodologia de ensino da entrevista, do processo de busca, etc.

Durante os debates, a professora Myriam Gusmão relatou sua experiência no ensino da entrevista. O treinamento de associações de idéias se desenvolve através de exercícios preparados pela professora.

Finalizando a exposição, a professora chamou a atenção dos presentes para o fato de as bibliotecas brasileiras, com poucas exceções, não oferecerem serviços de referência, sendo o bibliotecário de referência, quase sempre, um ausente em nossas bibliotecas. A questão foi colocada e não respondida: de quem a responsabilidade desse estado de coisas?



## PLANEJAMENTO BIBLIOTECÁRIO

*Coordenador:*

ANTONIO MIRANDA (CAPES)

O coordenador abordou inicialmente o problema de definição do que se entende por "Planejamento Bibliotecário", que é uma disciplina nova e cujos conteúdos ainda estão por ser devidamente identificados. A julgar pela literatura mais recente, Pena, (19 e 20) Kemper etc (12), seria o macro-planejamento de redes e sistemas de bibliotecas, dentro de planos nacionais, regionais ou setoriais de desenvolvimento (por exemplo: Educação, Ciência e Tecnologia), e tomando em conta fatores sócio-econômicos e políticos. Tratar-se-ia de desenvolver no aluno uma mentalidade propícia ao planejamento, o que não é freqüente no bibliotecário tradicional, segundo Kemper.

O coordenador citou a contribuição da Teoria Geral dos Sistemas (Bertalanffy) e das novas teorias organizacionais como marco estrutural do planejamento. Contrapôs esta tendência à do "Planejamento de Bibliotecas" e da "Arquitetura de Bibliotecas" que aparecem na literatura como sinônimo de Planejamento Bibliotecário mas que, o mais das vezes, dizem respeito à problemática do micro-planejamento.

Planejamento Bibliotecário poderia, no caso brasileiro, ser ensinado idealmente ao nível de pós-graduação, mas o mercado de trabalho exige do recém-graduado noções básicas de macro-planejamento e micro-planejamento, que poderão ser dadas em nível de graduação, não importando se numa disciplina autônoma (Planejamento Bibliotecário) ou como parte da "Administração de Bibliotecas" ou/da "Iniciação à Biblioteconomia".

As técnicas para o ensino da disciplina seriam: aulas teóricas e expositivas; revisão crítica da literatura; conferências proferidas por especialistas convidados envolvidos com planejamento; seminários; estudos de projetos; visitas (individuais ou em grupo) a instituições para discutir projetos e apresentar relatórios em classe ou em forma de trabalhos monográficos; "estudos de casos" (raros na nossa literatura); elaboração de projetos com dados reais ou fictícios, devendo estas técnicas serem combinadas e organizadas segundo graus de complexidade e de acordo com os objetivos do programa de ensino.

(Resumo preparado pelo coordenador).

### BIBLIOGRAFIA

*Coordenador:*

LAURA MAIA DE FIGUEIREDO (IBICT)

A professora Laura Maia de Figueiredo iniciou o seminário procedendo a uma sondagem quanto à prática docente, adotada pelos professores de bibliografia no ensino das disciplinas que compõem a área.

Os depoimentos prestados nessa primeira fase do seminário revelaram dificuldades comuns, tais como a deficiência de material bibliográfico nas bibliotecas das escolas, deficiência essa em maior ou menor grau, variando com as condições de cada escola. Revelaram também não haver grande disparidade entre os procedimentos didáticos adotados, o que pode ser explicado pelo fato de não ter sido grande o número de professores de bibliografia presentes. Foi ressaltada pela expositora a validade de se adotar a sistemática de provas com consultas às anotações dos próprios

alunos, já adotada por algumas escolas. E o ensino da Bibliografia não apenas como produto mas abrangendo também o estudo dos seus produtores, isto é, as instituições que estão por trás dos repertórios, como única maneira de se dar vida à Bibliografia (9).

Apontou-se a necessidade que se faz urgente de ser publicada nova edição do "Guia de Bibliografia Geral", não apenas por se achar esgotada a tiragem da primeira edição mas principalmente pela atualização hoje requerida. Da discussão resultou a formação de um grupo de trabalho, a ser coordenado pela Professora Laura Maia Figueiredo. Ficou, em linhas gerais, estabelecido um cronograma de trabalho, sendo que os capítulos do livro foram distribuídos entre os participantes de algumas escolas que se propuseram a colaborar, além de outras pessoas que seriam sondadas para prestarem sua colaboração. Estimou-se que em 180 dias os vários colaboradores, quando da Reunião Bienal — 12 a 19 de agosto, em São Paulo, estariam em condições de submeter os originais revistos à apreciação conjunta do Grupo de Trabalho.

Este foi um resultado promissor do Seminário de Bibliografia.

## CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

*Coordenador:*

GILDA MARIA BRAGA (IBICT)

*Relator:*

Prof. EDUARDO JOSÉ WENSE DIAS (UFMG)

### 1. EXPOSIÇÃO

Uma exposição sobre ciência da informação leva fatalmente a uma análise dos problemas também da

biblioteconomia e da documentação. Além disso vai-se discutir aqui, também, o problema da inclusão da ciência da informação nos cursos de biblioteconomia.

### *Evolução e objeto específico da ciência da informação*

A evolução da biblioteconomia é um assunto já bastante conhecido. O surgimento da documentação, no final do século XIX, junto com a revolução industrial, teve como uma de suas principais causas o crescimento geométrico do volume de publicação na área científica e tecnológica (28). Em meados do século XX começam as primeiras tentativas com o computador, destacando-se a influência das idéias de Vannevar Bush (6). À época da Segunda Guerra Mundial, e com a importância adquirida pela informação, encarada inclusive como segredo militar, outros profissionais que não o bibliotecário responsabilizaram-se pelo seu processamento, pelo menos a um nível que satisfizesse à demanda então existente. Na década de 50 começou-se a preparar o nascimento da ciência da informação. Já em 1948, Shannon (22), com a sua teoria matemática da informação, havia assentado as bases sobre as quais muitas das elaborações teóricas dos cientistas da informação iriam se fundamentar. A definição formal da categoria profissional veio, finalmente, em 1962, quando o congresso realizado no Georgia Institute of Technology, (17), nos Estados Unidos, definiu cinco categorias de profissionais da informação, uma das quais era a do cientista da informação. Na década de 60, na França, Dreyfus cunha o termo "Informatique" para designar a ciência da informação, tal como entendida pelos norte-americanos, mas com grande ênfase na parte de automação. Mikhailov, na Rússia, também defendeu o termo informática, na mesma acepção a ele conferido por Dreyfus (7).

Até a década de 60, a teoria de Shannon foi a grande estrutura teórica da ciência da informação. É por essa época que surgem, entretanto, os chamados semanticistas, dentre os quais se destacam Carnap e Bar-Hillel (3), que reconhecem a contribuição da teoria matemática da informação, mas nela criticam o desprezo pelo significado. Para eles, então, informação é tudo aquilo que é capaz de alterar o nosso "thesaurus".

Belkin (2), alteraria ligeiramente esse conceito, para dizer que informação é não apenas aquilo que altera o "thesaurus", mas aquilo que altera estruturas.

A ciência da informação atua em três áreas:

- a) geração da informação;
- b) transmissão da informação;
- c) uso da informação.

A biblioteconomia atua principalmente na área de transmissão da informação, onde se estuda parte dos fenômenos relativos a sistemas de informação. Na área de geração da informação destacam-se os problemas de epistemologia e comunicação. A área de uso da informação é a mais difícil de definir-se, mas inclui tópicos tais como política científica e estudos de citações. Ainda não sabemos até onde esses estudos poderão nos levar.

Há fenômenos comuns às três áreas como, por exemplo, o fenômeno da relevância. Algumas técnicas também são comuns a essas áreas, e entre as mais conhecidas cita-se a bibliometria.

Na prática, uma das características da ciência da informação é o estudo dos processos de comunicação independentemente do meio ambiente de processo.

## *A ciência da informação no currículo de biblioteconomia*

Nos Estados Unidos, a biblioteconomia é ensino profissionalizante, em nível de mestrado, e seus alunos são recrutados entre graduados de outras áreas. A ciência da informação, no currículo de biblioteconomia, é representada pela inclusão de disciplinas tais como sistemas de informação e bibliometria, geralmente lecionadas nas próprias escolas de biblioteconomia, além de disciplinas de outras escolas (cálculo, análise de sistemas, etc.).

Embora a ciência da informação não tenha fortes relações diretas com a biblioteconomia, os cursos que preparam os cientistas da informação estão quase todos dentro das escolas de biblioteconomia.

Entre as diferenças básicas entre ciência da informação e biblioteconomia poderíamos identificar as seguintes:

a) enfoque do método científico, que existe em larga escala na ciência da informação e é praticamente inexistente na biblioteconomia; também a preocupação com a pesquisa;

b) mudança de enfoque nos sistemas de informação: a ciência da informação provocou a transferência do enfoque da posse do documento para o acesso ao mesmo, isto é, não ter o documento sob sua guarda, mas dar acesso a ele;

c) dinamização do profissional da informação;

d) introdução de uma noção histórica: a ciência da informação procurou saber de onde veio, porque veio; benefício de conscientização de si mesma.

## *Debates*

Os debates concluíram pela importância da disciplina e da necessidade de sua inclusão nos currículos das escolas de biblioteconomia, mas em nível de pós-graduação. Em nível de graduação, o consenso girou em torno da inclusão de noções de ciência da informação, a constituírem parte de alguma disciplina afim. Um ponto levantado dizia respeito à necessidade de se observar os desníveis regionais, aspecto que deveria pesar na inclusão da ciência da informação nos currículos de nossas escolas. Sugeriu-se ainda que houvesse uma preocupação com aqueles já diplomados. Curso de reciclagem deveria lhes possibilitar a aquisição do conhecimento que passasse a ser oferecido aos novos graduados.

Quanto à parte de automação, um primeiro aspecto em que se concordou foi quanto à necessidade de um levantamento que mostrasse a situação das nossas escolas de biblioteconomia nessa área, partindo-se do pressuposto inquestionável de que a automação é uma realidade e uma perspectiva inegáveis, e que se os nossos profissionais não se qualificarem para assumir as funções exigidas pelos novos sistemas automatizados, outros profissionais surgirão e assumirão essas responsabilidades.

Finalmente, como um terceiro problema levantado para discussão, tratou-se do histórico da disciplina, sentindo-se a necessidade de uma revisão da história da biblioteconomia como um todo.

## ESTUDO DO USUARIO

*Coordenador:*

ODÍLIA CLARK PERES RABELLO (UFMG)

O Coordenador lembrou que a sempre ressaltada importância do usuário não foi traduzida ainda em termos de currículos. Uma análise dos programas revela ser esta a área menos desenvolvida. Não havendo disciplina específica para estudar o usuário, tal omissão é refletida na formação profissional.

Comentou a literatura de estudo do usuário que, por ser recente, tem se voltado ainda para o estudo de determinados tipos de usuários. No início pesquisaram-se apenas os usuários de ciência e de tecnologia e, mais modernamente, tem-se dado ênfase aos usuários das ciências sociais. Os estudos são centrados no problema da metodologia, apresentando resultados quantitativos, mas deixando sem explicação o *porquê* do uso de determinadas fontes. O problema do comportamento e das atitudes permanece sem explicação, o que teria levado M. Brittain (5) a comentar que o método foi mais importante que o problema. Os estudos têm ainda sido desenvolvidos para fins práticos como a tomada de decisão, sem muitos componentes teóricos. Só mais recentemente tem sido dada ênfase à educação do usuário.

Defendendo a tese do estudo do usuário como disciplina curricular, comenta os programas de outros países cuja ênfase tem sido atribuída às técnicas e métodos de pesquisa, quando deveria haver também uma parte que justificasse os métodos. Um programa de estudos deveria levar em conta os determinantes do comportamento do usuário em relação à informação.



A identificação de necessidades de informação e das razões para o uso de determinadas fontes teria que ser também considerada, principalmente se lembrarmos que o uso nem sempre é o resultado de uma necessidade. Um programa deveria incluir estudos de aspectos da personalidade de grupos de trabalho, colégio invisível, grupo de referência, grupo de participação, sistema político e sistema cultural. Portanto, tópicos de comunicação, psicologia social, sociologia e antropologia cultural deveriam constar do programa.

Quanto ao problema da limitação desses conhecimentos, considera que é possível desenvolver um programa com uma visão dos grandes tópicos.

O programa, em sua segunda parte enfocaria a educação do usuário como forma de desenvolver habilidades para o uso da informação. Os fundamentos teóricos seriam na área de aprendizagem.

Como problemas ressaltou a grande soma de conhecimentos envolvidos e que teriam de ser compatibilizados nos currículos, além da metodologia da pesquisa, essencial para a área de estudo do usuário, mas nem sempre disciplina obrigatória nos currículos da graduação.

A professora Gilda Braga mencionou o grande desenvolvimento dos estudos de consumidor pelas áreas de publicidade e propaganda, o que levou a expositora a comentar que esses estudos seriam importantes na parte da educação do usuário.

### *CONCLUSÕES FINAIS*

Como conclusão da semana de seminários apontou-se a necessidade de reiniciar os encontros de professores, por áreas específicas de ensino da biblioteconomia,

sob a coordenação da Associação Brasileira de Escolas de Biblioteconomia e Documentação (ABEBD).

No passado tais encontros foram promovidos pela ABEBD, como por exemplo, o "Encontro de Professores de Bibliografia e Referência", em 1967, em Belo Horizonte, e o de professores de Documentação em Curitiba, em 1969, além de outros.

## BIBLIOGRAFIA

1. ASSUNÇÃO, Jandira Batista & FIUZA Marysia Malheiros. /Reformulação do currículo da Escola de Biblioteconomia da UFMG. *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG*, 3(2):218-33, set. 1974.
2. BELKIN, N.J. & ROBERTSON, S.E. Information science and the phenomenon of information. *Journal of the American Society for Information Science*, 27(4):197-204, July/Aug. 1976.
3. BRAGA, G.M. Semantic theories of information. *Ciência da Informação*, 6(2):69-73. 1977.
4. BRIQUET DE LEMOS, Antonio Agenor. Vacilações e tendências do ensino da biblioteconomia. *Correio Brasiliense*, Brasília, 19 mar. 1971, Caderno Cultural p. 3.
5. BRITAIN, J.M. *Information and its users; a review with special reference to the social sciences*. New York, J. Wiley. 1970. 208 p.
6. BUSH, V. As we may think. *Atlantic Monthly*, 176(1):101-8, 1945.
7. DREYFUS, P. L'Informatique. *Gestion* : 240-41, Juin 1962.
8. FERREIRA, Maria Luiza A.G. et alii. Currículo mínimo de biblioteconomia. *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG*, Belo Horizonte, 6(1):92-9, mar. 1977.
9. GOMES, Hagar Espanha. O ensino de bibliografia. *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG*, Belo Horizonte, 5(1):93-104, mar. 1976.

10. HARVARD-WILLIAMS, P. *Planning information manpower*. Paris. Unesco, 1974. p. 19.
11. HOWES, Brian. Some thoughts on a first degree in librarianship. *Journal of Education for Librarianship*, 16(1): 18-24. Summer. 1975.
12. KEMPER, Robert. Library planning: the challenge of change. In: VOIGHT, M.J. ed. *Advances in librarianship*. New York. Academic Press, 1970. v. 2.
13. KLEMPNER, J. Information centers and continuing education for librarianship. *Special libraries*, 59(9): 29-32. Nov. 1968.
14. LINARES, Emma. Catalogacion y clasificacion. In: UNIVERSIDAD DE ANTIOQUIA. Escuela Interamericana de Bibliotecologia. *Mesas de estudio sobre la formacion de bibliotecarios y mejoramiento de bibliotecarios en la America Latina 1963-1965*. Medellin, Ed. Universidad de Antioquia, 1969. p. 103-21.
15. LINE, Maurice B. Demystification in librarianship and information science. In: BARR, Keith & LINE, Maurice B. *Essays on information and libraries*. London, C. Bingley. 1975, p. 105-16.
16. LYNCH, Mary & WHITBECK, George W. Work experience and observation in a general reference: course more on theory vs. practice. *Journal of Education for Librarianship*, 15(4): 271-80, Spring 1975.
17. NATIONAL SCIENCE FOUNDATION. Proceedings of the Conference on Training Science Information Specialists. October, 12-13. 1961. April 12-13, 1962. Atlanta, Georgia Institute of Technology, 1961. 1962, 139 p.
18. NITECKI, Joseph Z. Reflection on the nature and limits of library science. *The Journal of Library History*, 3(2): 103-19, Apr. 1968.
19. PENNA, Carlos Victor. *Planeamiento de servicios bibliotecarios y de documentacion*. /Revisado y aumentado por P.H. Sewell y Herman Liebaers/. 2 ed. Madrid, Unesco, 1970. 229 p.

20. PENNA, Carlos Victor et alii, ed. *National library and information services: a handbook for planners*. London, Butterworths, 1977. 231 p.
21. PIRES, José. *O estágio supervisionado no currículo*. Natal. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Pró-Reitoria para Assuntos Acadêmicos, 1977.
22. SHANNON, C.E. A mathematical theory of communication. *Bell System Technical Journal*, 27:379-423, 1948.
23. SHERA, Jesse Hawk. *The foundations of education for librarianship*. New York, Becker and Hayes, c. 1972. 511 p.
24. TAYLOR, Robert S. *Curriculum design for library and information science*. In; EDUCATION & Curriculum series. Syracuse, N. Y., School of Library Science, 1973. p. 59-87.
25. UNESCO. Conferência de São Paulo. *Desarrollo de las bibliotecas publicas en America Latina*. Paris, 1953. 205 p.
26. UNIVERSIDAD DE ANTIOQUIA. Escuela Interamericana de Bibliotecologia. *Mesas de estudio sobre la formacion de bibliotecarios en servicio en la America Latina 1963-1965*. Medellin, Ed. Universidad de Antioquia, 1969. 3 v.
27. WEINBERG, A. et. alii. *Science government and information; a report of the President's Science Advisory Committee*, Washington, U.S. Government Printing Office. 1963.
28. ZAHER, C.R. & GOMES H.E. *Da bibliografia à ciência da informação: um histórico e uma posição*. *Ciência da Informação*, 1(1):5-7. 1972.